



PRECONCEITOS ESTRUTURAIS A PARTIR DA OBRA TELEVISIVA “THE OFFICE(EUA)”

PAULO ARTHUR LIMA DOS SANTOS

RESUMO

O presente artigo busca comentar questões pertinentes ao cenário contemporâneo, tais como preconceito de gênero, assédio sexual e racismo. Para isto, usando como ponto de partida a obra televisiva seriada “The office”, que liderou visualizações em serviços digitais de transmissão de mídias pelos anos de 2019 e 2020 nos EUA e por alguns momentos conseguiu mais de 1.20 bilhão de minutos assistidos durante a pandemia de COVID-19, e em sites de comunidade de cinéfilos já foi eleita como a melhor sitcom¹ de todos os tempos. Idealizada na Inglaterra e depois repaginada nos EUA, a partir da obra televisiva consegue-se abordar diversos temas sensíveis que podem ser discutidos a partir de pensadores e escritores como Gutek, Cohen, Hokheimer, Adorno, Bauman, MacKinnon e Bonilla-Silva.

PALAVRAS-CHAVES: THE OFFICE, ASSÉDIO SEXUAL, RACISMO EM AMBIENTE LABORAL, MACKINNON, BONILLA-SILVA

ABSTRACT

This paper seeks to comment on issues relevant to the contemporary scenario, such as sexual harassment and racism in a workplace. For this, using as a starting point the television series “The office”, which led views on streaming services in the years of 2019 and 2020 in the USA and for a few moments achieved more than 1.20 billion minutes watched during the pandemic of COVID-19, and on cinephile community sites it has already been voted the best sitcom of all time. Conceived in England and later revamped in the USA, this television series makes it possible to approach several sensitive themes that can be discussed from thinkers and writers such as Gutek, Cohen, Hokheimer, Adorno, Bauman, MacKinnon and Bonilla-Silva.

KEY WORDS: THE OFFICE, SEXUAL HARASSMENT, RACISM IN WORKPLACE, MACKINNON, BONILLA-SILVA



INTRODUÇÃO

The office é um seriado televisivo originalmente lançado no Reino Unido idealizado por Ricky Gervais, comediante, roteirista, ator, diretor e produtor de televisão, ela foi adaptada por Gregory Daniels para a audiência dos Estados Unidos, este é escritor, produtor e diretor de comédia de televisão. A obra é desenvolvida como um *fake documentary* (documentário falso), então proporciona a experiência ao espectador de um *reality show* e é primariamente conhecida por usar de o humor ácido, com situações hiperbolizadas e preconceitos considerados sexistas e racistas. Os atores atuam como pessoas comuns vivendo o dia a dia de trabalhadores de escritório em uma empresa que vende papel - Dunder Mifflin, de todos os tipos, o que torna a vida laboral monótona e deixa bastante tempo de sobra para desenvolver os roteiros propostos.

A trama se desenvolve principalmente a partir das atitudes do diretor do escritório, Michael Scott, retratado como um personagem impulsivo, com poucas habilidades de filtro moral e na eterna busca por centralizar as atenções para si, ele experienciou em seu desenvolvimento traumas causados por abandono, falta de afeto e introversão, o mesmo tenta de todas as formas possíveis sentir que impõe algum tipo de relevância sendo “o piadista” do ambiente, tenta ainda mais agora que está sendo filmado, assim como Narciso estivera deslumbrado com seu reflexo sobre a água, o personagem vê a sua grande chance de se afirmar como alguém merecedor da atenção que nunca lhe fora ofertada. Submergindo mais na alma do personagem e sua personalidade depressiva, adiciona-se um comentário do Teólogo pós-graduado em psicologia e neurociência Yago Martins sobre o episódio 4 da temporada 3 de The office quando o chefe do escritório descobre que seu antigo superior (qual era muito admirado por Michael) havia falecido solitário:

Toby: Michael, olha. Eu sei que isso é difícil para você, mas a morte é apenas uma parte da vida. Quero dizer, esta manhã vi um passarinho voar para as portas de vidro do andar de baixo e morrer. E eu tinha que continuar.

Michael: Como você sabe?

Toby: O que?

Michael: Aquele pássaro estava morto? Você verificou a respiração dele?

Toby: Era óbvio...

Michael: Seu coração estava batendo, Toby? Você verificou? Não, claro que não. Você não é veterinário. Você não sabe de NADA! [corre para fora da sala de conferências chorando]

Dwight: Michael! [seguindo Michael escada abaixo] Michael. Michael ...

Michael: [vendo o pássaro] Oh, Deus!



Dwight: [desgostoso] Ah...

Michael: Ai meu Deus! Ai meu Deus, vamos...

Dwight: Pobre rapaz.

Michael: Oh shhhh-oot!

Dwight: Ele é um caso perdido.

Michael: Não, ele não é.

Dwight: Sim.

Michael: Não, ele não é. [pássaro embalando próximo ao rosto]

Dwight: Michael, tire ele da sua cabeça! Ele está coberto de germes e bactérias!

Michael: Bem, você não pode pegar doenças de um pássaro!

Ângela: Um pássaro morto não deveria estar na cozinha!

Michael: Não sabemos se está morto.

Kelly: Ugh, não, essa coisa está morta.

Dwight: Você quer que eu dê descarga nele?

Michael: Atenção pessoal. Isso levará apenas um segundo do seu tempo. Hoje às 16h. nos encontraremos no estacionamento para fazer um funeral para esta ave.

Meredith: Eu tenho muito trabalho a fazer.

Michael: Bem, desculpe incomodá-la, Meredith. Mas é isso que você faz quando as coisas morrem. Você os honra. Toby matou este pássaro. E agora vamos honrá-lo.

Ângela: Mas...

Michael: Não, não, não! É o bastante! Você sabe o que? Este pássaro está morto. Ele morreu sozinho. O mínimo que você pode fazer é estar lá para ele agora. [para Dwight] Encontre uma caixa para ele. (Script do roteiro da temporada 03, episódio 04).

Martins aborda em seu comentário o fato de Michael não verdadeiramente se preocupar com a morte do pássaro ou de seu antigo chefe, ele cai em si que ninguém houvera prestado muita atenção ao recém falecido ou vivera seu luto e isto o promoveu grande tristeza porque o mesmo possa lhe ocorrer, pois, este vivia em função de validação externa para satisfazer problemas emocionais internos e no fim de sua vida poderia morrer como se nunca houvesse existido. O luto era para ele e não para seu antecessor.

A partir da provocação em uma matéria da revista *The Rolling Stones* que elegeu uma lista com 5 temas mais capciosos na série, escolheu-se comentar sobre dois desta: O assédio



sexual sofrido pelas mulheres na trama e o racismo cometido por personagens retratados como liderança.

ASSÉDIO SEXUAL EM AMBIENTE LABORAL

Gutek, Cohen e Konrad (1990) propõem que exista uma correlação entre assédio sexual no ambiente laboral ao passo que o contato com o gênero oposto aumenta (masculino para feminino), ou seja, a partir do momento em que mulheres são inseridas em ambientes de trabalho dominados por homens (como acontece em *The Office*) elas estão sendo potencialmente expostas a possíveis agressores. Segundo Cohen e Gutek (1985) há ainda o esforço por parte dos observadores no ambiente de trabalho em ignorar possíveis situações de assédio ajustando o objeto de foco para as qualidades do bom relacionamento entre todos os funcionários ao passo que vão de encontro a possíveis desvios de caráter de potenciais assediadores.

No segundo episódio da segunda temporada a personagem Phyllis sofre um atentado ao pudor no estacionamento da empresa, um homem mostra-lhe o pênis e a mesma chega transtornada e abalada emocionalmente ao escritório, o que em uma situação comum causa sentimentos como revolta e tristeza por se tratar de uma violência. Para entender alguns diálogos que serão adicionados à frente, foi produzida e será necessária uma descrição da personagem. Phyllis é uma mulher de meia-idade com uma aparência amigável e acolhedora. Ela tem cabelos curtos e castanhos, geralmente estilizados de maneira simples. Sua maquiagem é discreta e realça sua beleza natural. Phyllis tem uma figura curvilínea e uma postura tranquila. Ela se veste de forma profissional, geralmente usando roupas clássicas e elegantes.

Agora segue o diálogo:

Pam: [sussurrando] É tão assustador, tipo...

Ryan: [sussurrando] Sim. [Pam e Ryan sussurrando]

Michael: O que está acontecendo?

Pam: Ah, algum cara mostrou as partes íntimas para a Phyllis no estacionamento.

Michael: Sério? Ela está bem?

Pam: Sim, o Bob Vance a levou para dar uma volta e se acalmar.

Michael: OK. [respiração profunda] Phyllis, você disse? [risada abafada]

Angela: O que tem de engraçado?

Michael: Hum... Quer dizer que ele nem viu a Pam? Ou, hum... A Karen de costas?



Kevin: Acho que não.

Michael: [rindo baixinho] Desculpe. É engraçado quando você pensa sobre isso.

Jim: Mm... na verdade, não.

Pam: É nojento e humilhante.

Michael: Ah, OK. Mestres do humor. Um cara baixou as calças. Já foram ao circo? [todos olham sérios] OK. [Michael coloca o dedo pelo zíper da calça] Ele voltou! [risos] OK. Hum. [balbuciando com o casaco fechado] Waagh! [mostra para todos]

Toby: Ei, o que está acontecendo? Tem uma viatura da polícia no...

Michael: O quê? Ah. [faz um som de escala descendente enquanto abaixa o dedo]

Toby: O que está acontecendo?

Michael: Ah, mostraram as partes íntimas para a Phyllis. É, uh... [risos]

Toby: Acho que rir sobre isso não é uma resposta apropriada.

Michael: Ah, vamos lá. Estamos rindo da Phyllis, mas ela nem está aqui, então não tem problema.

Toby: Acho que as mulheres deste escritório...

Michael: Aliás, onde você estava durante tudo isso? Talvez você seja o exibicionista.

Toby: Eu estava em uma reunião de pais e professores.

Michael: Hum. Prove. Vamos ver seu pênis. [todos estão chocados] [suspira] Eu... você sabe, enquanto isso estava saindo da minha boca, eu sabia que estava errado. (Script do roteiro, temporada 02, episódio 02).

Como se pôde perceber, a série explora humor ácido como forma de fixar a audiência, o personagem do chefe (sem a presença da personagem assediada na sala) comete um segundo assédio, este quando dá a entender que a citada não possui aspectos físicos desejáveis para alguém pervertido querê-la interpelar. E no mesmo texto o personagem pergunta se o assediador havia visto as colegas de trabalho da personagem assediada, o que é entendido como se fossem mais desejáveis, o que reforça e estereotipa o abuso e ainda justifica o de outras mulheres, o que independe de quanto as mulheres se encaixem em padrões, em vista disto apresenta-se o seguinte caso, a *The University of Kansas* fez sua primeira mostra do conjunto de obras “What were you wearing?” (o que você estava vestindo? Em tradução literal) em 2014, e nesta mostra, os professores envolvidos coletaram roupas que mulheres abusadas usavam quando o ato houvera ocorrido, as mulheres eram de idades diversas, corpos diversos e sempre trajavam roupas comuns como calça, tênis, blusas e vestidos,



estes são os exemplos que podem desmistificar o preconceito de culpabilização da vítima, quando muitas relataram que uma das primeiras perguntas quando denunciavam o corrido era “o que você estava vestindo?”. Os preconceitos do personagem se configuram a partir de modelos irreais promovidos por ideais capitalistas de reificação e fetichismo quando se adota o padrão de que uma mulher deve ser magra, alta, ter cabelos lisos, possuir características físicas europeias e vestir-se de forma que acentue estas características, o que contrapõe as de Phyllis.

Em *Dialética do Esclarecimento*, Horkheimer e Adorno dissertam sobre como a sociedade moderna é caracterizada como racional e instrumental, sendo reduzida à meio para atingir um fim, e assim Michael Scott coisifica as mulheres, as considerando como meros apetrechos para um fim, portanto, quando a sua subordinada, que não lhe era vista como desejável passou por tamanho constrangimento ele não consegue assimilar o que aconteceu como externo à Phyllis, ou seja, o criminoso não lhe constrangeria por ser atrativa ou não-atrativa, esta não era a discussão.

No Brasil, no primeiro bimestre de 2023, o TRT-15 registrou 72 processos de assédio em ambiente laboral, no ano anterior em mesmo período o número foi de 66, o aumento de denúncias se deu por motivo de uma lei promulgada que proporciona mais amparo às vítimas. Uma das formas de sátira encontrada em “*The Office*” é causar riso com o fator incômodo, e é justamente este fator que pode causar uma possível reflexão, o comportamento do personagem causa uma espécie de vergonha alheia, desconcerto ou indignação por ser tão importuno e abertamente sexista.

O telespectador através da obra percebe que Michael viveu a maior parte de sua vida sem relações amorosas por não conseguir estabelecer uma relação de parceria mútua, pois, em sua vivência uma mulher serviria para acentuar sua personalidade narcisista e satisfazer desejos sexuais - existindo como o segundo sexo de Beauvoir, e não para existir por si só, continua-se vendo estes traços ao seguir da obra. Um exemplo de como isto pode ser percebido é encontrado na temporada 3, episódio 12: Michael volta das férias, ele foi acompanhado por sua superior e amante, trazendo de recordação uma foto em uma praia com a mesma sem a parte de cima de um biquíni, o citado então contata um antigo amigo para se vangloriar do fato de estar mantendo relações com sua encarregada e gabar-se de sua masculinidade, o amigo não acredita e Michael acaba tentando enviar um e-mail com a imagem anexada para provar seu ponto.

Ao se dar conta que enviou a fotografia para todos os integrantes de sua equipe e não para seu antigo companheiro, Michael fica atônito e se desespera agora que coloca a reputação de sua superior em risco e se expõe à possibilidade da intervenção do departamento de recursos humanos. Em *Amor Líquido: Sobre a Fragilidade dos Laços Humanos*, Zygmund



Bauman esclarece suas ideias a respeito do amor líquido, que é caracterizado por relações amorosas mais instáveis, voláteis e efêmeras pelo constante incentivo a busca de satisfação individual e a maximização de seus próprios interesses, e assim o comportamento do analisado se compõe, ele estava no limiar de um relacionamento estável e põe isto em risco pela satisfação pessoal e narcísica de que terceiros saibam disto e de alguma forma o validem como homem viril, cometendo mais um tipo de violência, expondo ao público sua superior e amante em momento particular.

Catharine MacKinnon (1979) define assédio sexual como: “A imposição indesejada de exigências sexuais no contexto de uma relação de poder desigual”, e além disso, MacKinnon também argumenta que este tipo de comportamento existe através de uma estrutura social que possibilita a manutenção das mulheres em ambientes laborais sempre abaixo dos gêneros contrários. A universidade de *Quinnipiac* nos Estados Unidos da América fez em 2017 uma pesquisa sobre o mesmo tema entre eleitores do país e encontrou dados de que 69% das entrevistadas experienciaram assédio sexual no ambiente de trabalho, quando apenas 20% dos homens afirmaram o mesmo. Este tipo de dado enriquece ainda mais a discussão sobre a obra de MacKinnon ao ponto em que ela sintetiza os dois tipos de assédio; o “quid pro quo” e o “condition of work”. No primeiro, ela explica a respeito de situações de troca de favores, quando alguém em uma posição de poder demanda algum tipo de relação sexual para benefício empregatício, e na segunda definição a mulher é subjugada a repetidas investidas acediosas ou convites sexuais que vêm sem a companhia de oferta empregatícia.

Diante do exposto, pode-se refletir em vida real o porquê de os vínculos empregatícios em direção às mulheres serem representados em “The Office” como são, já que a obra norte-americana mesmo que de forma jocosa sempre recorrendo ao humor não o faz apenas de licença poética, mas sim em função de um recorte da realidade que sofre influência hiperbólica para muitas vezes constranger a audiências e promover o riso.

COMPORTAMENTOS RACISTAS EM AMBIENTE LABORAL

Logo no segundo episódio da primeira temporada é apresentado ao espectador um grande exemplo como a obra irá se suceder, após muitas queixas à empresa matriz, a filial de Michael Scott recebe um consultor de diversidade, ele tenta fazer uma palestra sobre a importância de ter diversidade étnica e de gênero no trabalho e ressalta os benefícios disto, o mesmo segue sendo interrompido diversas vezes pelo diretor da filial e precisa fazer muito esforço para conseguir exprimir sua palestra, ao longo do episódio o telespectador compreende que as queixas foram feitas principalmente pelos comportamentos de Michael,



estarecido com a crítica o mesmo decide fazer sua própria palestra sobre diversidade para reafirmar que este problema não o atingia, é neste ponto que a obra começa a desenvolver um de seus episódios mais controversos:

MICHAEL: Eu tenho algo aqui. Eu quero que você pegue um cartão. Coloque-o na frente... Não olhe para o cartão. Eu quero que você pegue o cartão e coloque na testa e... Pegue um cartão, pegue um cartão, qualquer cartão. Hum... E eu quero que você trate as outras pessoas como a raça que está na testa delas. OK? Então todo mundo tem uma raça diferente. Ninguém sabe qual é a raça deles, então... eu quero que você realmente vá em frente, porque isso é real. Você sabe, isso não é apenas um exercício. Isto é vida real. E... eu tenho um sonho que você realmente vai deixar as faíscas voarem. Faça isso.

[...] DWIGHT: Hum... Shalom. Gostaria de solicitar um empréstimo.

PAM: Isso é legal, Dwight.

DWIGHT: OK, faça-me. Algo estereotipado para que eu possa entender bem rápido.

PAM: OK, eu gosto da sua comida.

DWIGHT: Churrascaria Outback. [sotaque australiano] Eu sou australiano, cara!

MICHAEL: Pam, vamos. "Eu gosto da sua comida." Vamos mexer na panela. Mexa o caldeirão, Pam! Vamos fazê-lo. Vamos ficar feios. Vamos cair na real.

PAM: OK. Se eu tivesse que fazer isso, baseado em estereótipos totalmente falsos, com os quais não concordo, talvez você não fosse um bom motorista.

DWIGHT: Oh, cara, eu sou uma mulher? (Dwight usava um cartão de asiático).

[...] Kelly entra

MICHAEL: [Voz elevada, sotaque indiano] Kelly, como vai você?

KELLY: Acabei de ter a reunião mais longa.

MICHAEL: [Voz elevada, sotaque indiano] Oh! Bem-vindo à minha loja de conveniência. Gostaria de googi googi? Eu tenho um delicioso googi, googi, apenas 99 centavos mais impostos. Tente meu googi, googi. [Abaixando a voz] Experimente meu googi, googi. [Voz estridente] Tente meu googi, googi. Experimente o meu ... [tapa!]

MICHAEL: [tentando não chorar] Tudo bem! Tudo bem! Sim! Isso foi ótimo, ela entendeu! Agora ela sabe o que é ser uma minoria.

Fazendo uso de sua impulsividade e necessidade de atenção e aceitação externa o personagem principal da trama segue com escolhas não ortodoxas que chegam a



constranger os funcionários. Em “Racism without Racists: Color-Blind Racism and the Persistence of Racial Inequality in the United States”, Eduardo Bonilla-Silva expõe suas percepções de que mesmo sendo menos socialmente aceito, uma forma explícita de racismo ainda impera: o que ele chama de racismo sem cor, um conjunto de crenças, atitudes e práticas que perpetuam as desigualdades raciais sem necessariamente reconhecer ou promover claramente superioridade ou inferioridade racial. Um dos exemplos de Bonilla-Silva é o liberalismo abstrato vinculado aos princípios de individualismo e igualdade de oportunidades, o que acaba indo de encontro a políticas que poderiam minimizar injustiças raciais. Mais uma cena em seguida:

MICHAEL: [após Dwight entrar na sala] Por que você está aqui?

DWIGHT: Quando Darryl estava chegando, você disse que me queria aqui para proteção.

MICHAEL: Não. Eu disse, não isso.

DARRYL: Só temos muitas coisas lá embaixo que podem ser roubadas.

MICHAEL: Isso é irônico.

DARRYL: O que?

MICHAEL: Que você está com medo.

DARRYL: Por quê? Porque eu sou do quebrada?

Na citação acima o chefe do escritório comenta, ainda que sutilmente, e exprime o que Eduardo Bonilla-Silva escreve sobre, ele consegue conversar com Darryl (aparentemente não demonstra nenhum problema com isso) mas pede a segurança de Dwight (baseado em racismo, Darryl seria perigoso) para o caso de Darryl bater nele, mesmo que os dois estivessem tendo uma reunião ordinária, Michael também demonstra espanto pelo homem preto à sua frente ter medo de roubos no armazém da empresa (fica subentendido que isso não deveria acontecer pelo fato de Darryl ser preto, e pessoas como ele são as que cometem os crimes), mesmo também sendo chefe e tendo técnicas apuradas de administração, Darryl comanda o armazém da empresa, ou seja, ainda uma posição abaixo do homem branco.

Continuando na linha de Bonilla-Silva (e no mesmo livro), o autor exemplifica que ao invés usar cartazes em lojas identificando que estas seriam apenas para brancos, a sociedade estadunidense usa outro tipo de mecanismo de segregação, como orçar preços específicos para pessoas pretas, ou o não anúncio de unidades de habitação para continuar com as comunidades separadas, e não param neste ponto, ele as estende para a área econômica quando pessoas pretas altamente capacitadas ainda são direcionadas a trabalhos com



remuneração baixa, e os brancos se reafirmam usando do pretexto do já citado liberalismo abstrato para deslegitimar a inclusão de pessoas pretas, por exemplo, em universidades que oferecem ações afirmativas nos EUA, quando os pretos possuem uma educação, moradia, transporte e oportunidades inferiores em relação aos brancos.

Com tema semelhantíssimo, Abdias do Nascimento escreve anteriormente ao já citado Bonilla-Silva, o brasileiro apresenta em 1978 “O genocídio do negro brasileiro: processo de um racismo mascarado”. O autor usa o termo “genocídio” para descrever a sistemática violência física, psicológica e social imposta aos negros brasileiros. Ele destaca a continuidade das desigualdades raciais ao longo do tempo e como o racismo foi incorporado nas instituições e nas mentalidades da sociedade brasileira e uma das formas de explicar isto foi através de dados estatísticos para lastreamento de parte de sua análise, quando aborda a diminuição da população preta do Brasil nos anos entre 1872 e 1970, período próximo à abolição no Brasil, qual libertava escravizados para viver a própria desventura, em 70, ano em que o governo militar aboliu o quesito raça/cor do censo, Nascimento interpretou como uma última ação para eliminação da população preta do Brasil, quando esta já era privada de acesso à educação, saúde e emprego, por último se tornara impossibilitada de ser registrada.

Não passava, a liberdade sob tais condições, de pura e simples forma de legalizado assassinio coletivo. As classes dirigentes autoridades públicas praticavam a libertação dos escravos idosos, dos inválidos e dos enfermos incuráveis, sem conceder qualquer recurso, apoio, ou meio de subsistência. Em 1888, se repetiria o mesmo ato “Libertador” que a história do Brasil registra com o nome de Abolição ou de Lei Aurea, aquilo que não passou de um assassinato em massa, ou seja, a multiplicação do crime, em menor escala, dos “africanos livres”. (NASCIMENTO, 2016, p 79).

A convergência dos temas se encontra quando o racismo sem cor de Bonilla-Silva e o genocídio de Nascimento promovem a mesma discussão sobre práticas estruturais que influenciam no cotidiano da população descendente do continente africano, qual recebeu uma máscara pós-abolição para esconder a penúria e o abandono consigo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao examinar-se profundamente as complexas tramas que tecem as relações laborais nos Estados Unidos e no Brasil, torna-se irrefutável constatar a dolorosa persistência do assédio sexual e do racismo estrutural. Esses males arraigados nas bases sociais delineiam uma realidade em que alicerces preconceituosos sustentam as interações entre os indivíduos. Ao aprofundar-se nas nuances dessa questão, emergem padrões de discriminação que



repercutem de maneira desoladora, desde a minimização das experiências de violência vivenciadas por mulheres até a cruel caricaturização de estereótipos, ou ainda a assunção absurda de que a cor da pele de alguém possa ser sinônimo de periculosidade. Nesse contexto, uma obra que se vale da sátira para abordar esses temas sensíveis e profundos consegue, surpreendentemente, abrir espaço para discussões envolvendo autores renomados e direcionar a atenção coletiva para questões ancestrais que, lamentavelmente, ainda perduram nos dias atuais.

A narrativa satírica, que muitas vezes é vista como uma mera forma de entretenimento, transcende seu propósito imediato quando empregada como veículo de reflexão crítica. Ao explorar os meandros do assédio sexual e do racismo estrutural por meio de uma lente satírica, autores habilidosos têm a capacidade de escancarar as feridas sociais profundas, que, apesar dos avanços no discurso público, permanecem enraizadas na sociedade contemporânea. A sátira, ao se apropriar de exageros e distorções, expõe as contradições e hipocrisias que sustentam as noções discriminatórias, convidando os leitores a confrontar as próprias perspectivas arraigadas e a rever as atitudes que perpetuam esses problemas.

Contudo, vale ressaltar que a eficácia da sátira como instrumento de conscientização encontra seus limites no atual panorama sociopolítico. Embora a obra satírica possa abrir portas para discussões mais profundas, sua abordagem, por vezes provocadora e irreverente, também pode gerar polarização e resistência. A interpretação das mensagens satíricas é altamente subjetiva e suscetível a múltiplas leituras, o que pode levar a mal-entendidos ou até mesmo à apropriação equivocada das mensagens por grupos com interesses divergentes.

Ao trazer à tona as questões prementes do assédio sexual e do racismo estrutural, a obra satírica desencadeia uma reflexão necessária sobre os privilégios historicamente concedidos a determinados grupos sociais. Essa discussão não se trata apenas de repreender o passado, mas sim de reconhecer que as marcas desses desequilíbrios ainda permeiam as interações contemporâneas, moldando relações interpessoais e moldando as oportunidades disponíveis para indivíduos marginalizados. À medida que se aprofundam as conversas em torno desses pontos, a sociedade é instigada a manter um diálogo ativo, a fortalecer os espaços conquistados por movimentos sociais e a combater a complacência que poderia levar a um indesejado retorno ao status quo previamente questionado.

Portanto, a sátira, quando empregada como veículo para explorar as raízes do assédio sexual e do racismo estrutural, exerce um papel fundamental na ampliação da consciência coletiva. Sua capacidade de provocar desconforto e de instigar debates aprofundados abre caminho para a revisão crítica das estruturas que perpetuam a desigualdade. No entanto, é crucial que essa abordagem seja complementada por esforços concretos de educação,



sensibilização e políticas inclusivas, a fim de efetivamente promover mudanças duradouras e construir um futuro onde tais injustiças estejam verdadeiramente relegadas ao passado.

REFERÊNCIAS

<https://youtu.be/nFpXfsWVzog> Comentário de Yago Martins, acessado em 15/06/2023

Gutek, B., Cohen, A. G., & Konrad, A. M. (1990). *Workplace Sexualization Measure* [Database record]. APA PsycTests.

Cohen, A.G., Gutek, B.A. Dimensions of perceptions of social-sexual behavior in a work setting. *Sex Roles* **13**, 317–327 (1985)

HORKHEIMER, M.; ADORNO, T. W. *Dialectic of enlightenment*. Tradução: Edmund Jephcott. Palo Alto, CA, USA: Stanford University Press, 2002.].

BAUMAN, Z.; MEDEIROS, C. A. *Amor líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos*. [s.l.] Jorge Zahar Editor Ltda, 2004.

MACKINNON, C. A. *Sexual harassment of working women: A case of sex discrimination*. New Haven, CT, USA: Yale University Press, 1979.

https://poll.qu.edu/images/polling/us/us11212017_uyt067.pdf Pesquisa da universidade de Quinnipiac, 2017, acesso em 16/06/2023.

BONILLA-SILVA, E. *Racism without racists: Color-blind racism and the persistence of racial inequality in America*. 3. ed. Lanham, MD, USA: Rowman & Littlefield, 2009.

<https://rollingstone.uol.com.br/noticia/10-series-mais-assistidas-durante-o-isolamento-social-office-ncis-e-mais-lista/>

Roteiros da obra *The Office*: <https://genius.com>, acessados em 15/06/2023.